

José Joubert Chaves  
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 1904

NUMERO 43



GENERAL JOAO EDUARDO SOTTO MAIOR LENCASTRE E MENEZES

É o general Lencastre e Menezes que vai superintender nas manobras do Bussaco. Official distinctissimo, é o director geral da infantaria e os seus serviços n'esses logar tem evidenciado todo o seu valor e toda a sua dedicacão pela arma que tão proficilmente dirige. Desde os primeiros annos da sua carreira militar foi sempre um bráveo official e sempre se destacou nos diversos serviços de que foi incumbido. Foi rapida e brilhantissima a sua carreira. Por vezes encarregado de diversas missões sempre sahio d'ellas com toda a intelligencia que o tem feito apontar como um dos mais distinctos officiaes do exercito portuguez.

Nasceu em 29 de julho de 1833, sentiu praca em 7 d'agosto de 1850 e foi promovido a alferes

em 29 de julho de 1852, a tenente em 5 de dezembro de 1865, a capitão em 2 de julho de 1873, a major em 21 d'outubro de 1884, a tenente coronel em 21 de julho de 1888, a coronel em 19 de dezembro de 1898, a general de brigada em 9 de novembro de 1894 e a general de divisaõ em 24 de fevereiro de 1901, alcançando assim o maior grau a que se pode aspirar no exercito portuguez. É condecorado com a gran cruz de Avis e a commenda da Torre Espada, o que bem demonstra o valor do distincto official que foi encarregado do diffical papel de dirigir as manobras annuaes e que se realizou no Bussaco no proximo mez de setembro.

# CHRONICA

## Os cirios

É o tempo dos cirios e não fardam os crisantemos. Foram milhares deromeiros em faluas para a Atalaya, estalaram foguetos sob o céu azul, no ar infinito e lavado; encheram-se comboios e as carrinholas foram em longas filas pelas oestradas brancas até ao Senhor da Serra; amezendou-se goute nas relvas, a sombra, e ainda agora o vlaho corre a rodos.

Vieram os cirios, chegou a felicidade. Só o povo sabe assim gosar, só elle sabe sentir um prazer em todas as suas modalidades, só o povo sabe rir, só d'elle vem a gargalhada franca, rija, bem aberta e que se prolonga. Não tem nostalgias, nem preocupações, nem analyses, nem nevroses. Uma guitarra apaga as maguas, um copo de vinho afoga paixões. Abençoados cirios e abençoado povo!

Elle lustra-se, veste-se do lavado, põe uns calções aos pequenotes e carrega a mulher com o farnel, prepara as primas á banza e não esquece o canivetesinho; faz tudo alegremente, socegadoamente, com as docuras d'um culto e com as cerimoniais d'um rito; vai á igreja, agarra uma imagem toda de bondade e toda d'azul, chama um *sol e dô*, aluga uma falua, afiambrase, veste o casaco e sobre elle mascara-se com uma opa como no carnaval se ves-



A CIDADELLA DE CASCAES

bloços, nos altares alumando e nos espiritos a gerar indiferenças: não vale ralar!

Oh! O cirio é realmente bem portuguez! É como uma offerta da obra de todo o anno á divindade, n'um recio que olla nos obrigue... a trabalhar!

Agora hu ferias para fingir que se trabalhou. É tudo e hu alem d'isso uma razão, a d'aquelle homem que explicava assim a sua *cêra*:

Não trabalhava ao domingo, por ser dia de descaço, nem á segunda para socegar do domingo, menos á terna, por ser dia aziago, e nunca á quarta, vespera de quinta toda dedicada ao *high-life* e em que é de mau gosto fazer-se alguma coisa, á sexta nem que o matassem, porque andam as bruxas emandungando a humanidade e é dia de jejum, ao sabbado, Deus Nosso Senhorô livrasse, por ser todo de culto á Virgem.

Na verdade a razão maxima era o rico sol, o bello céu, as mansas aguas que, juntos, dão quebreiras e langores. Elle era um devoto dos cirios e dos touros, um portuguez amigo de rir e que ia todos os annos patrioticamente á Atalaya e ao Senhor da Serra. Era como aquelle devoto de Budha que de papo para o ar, esfrangalhado e suje, contemplava o céu no manso rumorô d'um palmar brahmanico e rezava assim: «Budha, astral incarnação, offereço-te todos os meus pensamentos.»

E o pobre do Budha, n'essa região, vivia ao sol ardente e á chuva fria, sem ter um pagode feito de boa pedra, sem ter um altar, um sacerdote, uma offerta a não ser a dos pensamentos d'esse homem que já pelo sim pelo não ia fazendo a sua *cêra* realisando na terra o Nirvana, o socego doce, com medo que Budha, após a morte, lhe roesse a corda.

Mas cá não succede assim, offerece-se o pensamento, a obra, a *cêra* feita no anno, e ninguém, mesmo os menos divinos, mesmo os mais pobres, deixa de ter n'este luminoso agosto dos cirios, como o pobre Budha, o seu pagodestinho...

ROCHA MARTINS.



UM TRECHO DA PRAIA DE CASCAES

te d'urso e toca pandeiro, instinctivamente, sem responsabilidades, sem ficar irmão do Santissimo, por causa da opa, ou urso, por causa da pelle. Assim vai para as follas e assim conserva as tradições, pratica os actos da sua terra.

Porque o cirio é uma coisa bem portugueza, é como o fado e como a fava rica.

Nasceu aqui com a fidalguia devota e galante, arnuaceira e beata, que cheirava a vinho e a incenso nos tempos do senhor D. João V, e teve as suas pompas. N'esse tempo a nobreza enchia as barcaças com bobos e sacerdotes, com tunantes e anjinhos, com guitarristas e meninos do côro, com saceristas e negros, com piadores e com frades de largas mangas cheias de comezaina e de largas ventas atulhadas de simonte, e ia rto acima n'um banho de sol, voltava na poesia do luar.

Assim se gerou o cirio, assim desabrochou com a leiva da devoção fidalga, com a berrata e com a fé, com as barrigadas de comida e com a oração, com os fogos de vista e com as ludainhas, com as pipas de vinho e com os quintaes de *cêra*. Todos levavam velas que chamavam cirios, feitos em boa *cêra*, confeitados como uma secia, gordinhos como abbades. E é sobreitudo pela *cêra* que a funcção é uma coisa portuguezissima. A *cêra* é uma necessidade e é um symbolo, é uma soberana aspiração e um desejo sem equal; o povo já tem o seu vocabulo todo d'ideal, todo d'esperanca: *fazer cêra*. E d'aquí o ella existir nas ogrejas em *ex-rolos* e nos corpos em



O CAES E TRECHO DA PRAIA DE CASCAES

## CARLOS MALHEIRO DIAS

(O autor do novo folhetim da «Illustração Portuguesa»)

A sua obra litteraria, cheia de sentimentalidade e feita n'um estylo suave, corrente e facil, está ali a affirmar o seu valor, está ali a impo-lo na actual geração litteraria como um romancista de raça.

Os successos do *Filho das Heras*, paginas vibrantes e dolorosas, e de seguida as de *Telles d'Albergaria*, romance de casados vãos, e ultimamente as de *Maria do Céu*, dulcissimo livro de paixão, são provas brillantissimas d'uma alta intellectualidade de que muito tem a esperar a litteratura portugueza. A sua maneira de trabalhar, febril e agitada, dá aquelles trochos ardentes que commovem e arrebatam, dá aquelles capitulos em que as lagrimas não acodem aos olhos e em que o leitor entra a vibrar como o romancista vibra.

Muito poucas estrellas litterarias tem sido coronadas d'um exito tão soberbo como a d'esse escriptor que vai a caminho da consagração e que tem já entre o seu publico aquelles que presam as bellas letras n'este país, onde a arte vai a desfallecer, por culpa dos autores na sua maioria apegados a extranhos processos, usando uma linguagem que é necessario ser adivinhada, defendendo cousas doctas e sem terem um grande ideal para a sua obra, sem buscarem commover e sem gerarem aquelles rasgos de sentimento que são de todas as litteraturas e que são sobretudo da indole do povo portuguez.

Carlos Malheiro Dias, debatendo problemas e pintando os seus personagens n'uma doçura de meias tintas, falando ás almas, chegando aos corações bem directamente, agradeu desde logo e tornou-se o romancista querido enlos livros constituem sempre verdadeiros successos.

E' d'este modo, mas já illustre autor, o novo romance da *Illustração Portuguesa* intitulado o **Grande Cagliostro** e que sem duvida será uma nova affirmação do talento do romancista.

O **Grande Cagliostro** é um romance historico do tempo de D. Maria I, em que perpassam os vultos d'aquella epoca, os peraltas effeminados e as sectas devotas de penteados altos e saias embandoadas, em que a figura do intendente da policia se destaca com a do arcebispo de Thesalonica, severa e verdadeira, e em que o heroe da novella, o **Grande Cagliostro**, é descrito com o seu poder magico, com as suas maneiras de galã e os olhares de magnetizador, como



n'um resurgimento do typo historico que viveu entre nós algum tempo e se chamou José Balsamo.

A novella, na sua linguagem simples e primorosa, deve agradar, já pelo bem lançado das figuras, já pelo drama vehemente, pela acção movida, pela singela maneira por que todo o entreccho decorre com uma verdade flagrante e baseada nos apontamentos historicos que ficaram d'essa figura machiavellica e doce a um tempo, extranha e simples, gloriosa e terrivel, á qual impntam a fundação da maçonaria e scenas na verdade bem singulares. E', pois, esse o heroe que o primoroso romancista escolheu para o seu livro, que começamos hoje a publicar.

E n'elle vê-se-ha a historia d'uma epoca agitada, feita de receios e de terrores, epoca em que a corte e o país se dividiam em dois campos: o dos perseguidos e o dos perseguidores. No meio d'este singular viver ha todo o deslumbramento das elegancias cortezãs, das mulheres perfumadas d'incenso e Agua de Melica, as faces mosqueadas dos signaes posticos e sobre todas ellas, realças o cheio de encantos como uma rainha toda de belleza e graça, appareces, dominante e magnifica, Lorenza Feliciani, a mulher de José Balsamo, que vem suspirar d'amor nos braços d'um príncipe abio e original nas sombras das ramosas arvores de Queluz. O drama vai subindo intenso e forte, vai decorrendo cheio de imprevistos para terminar n'um lance doloroso de tragedia que a fecunda imaginação do romancista pintou d'uma maneira surprehendente.

A *Illustração Portuguesa* contractando com o insigne escriptor a publicação d'esta obra obedeceu ao desejo de tratar cousas bem portuguezas e por portuguezes trabalhadas, teve o intuito de pela litteratura espalhar scenas do nosso viver, cousas caracteristicas da nossa raça atravez os tempos e cumprir d'esta modo uma parte do programma que traçou: Levantar em Portugal a arte e o gosto.

No illustre romancista encontrou um utilissimo collaborador, cujo trabalho agradará aos nossos leitores, como do resto os seus anteriores livros tem obtido verdadeiras consagrações da parte do publico.

E a sua novella, cheia de vida, intensa, onde se allia á doce phantasia as soberbas paginas da historia, virá a occupar um logar marcado á parte na litteratura nacional.

Começamos, pois, hoje a publicação da novella o **Grande Cagliostro**, ao qual se seguirão outros romances portuguezes primorosamente illustrados pelos desenhadores da *Illustração Portuguesa*. A iniciar a obra está o nome de Malheiro Dias, que julgamos ser o bastante para que ella fructifique e seja util.



ESCOLA PRÁTICA DE INFANTARIA EM MAPRA — SALA DE ESCRIMA

A sala de esgrima da Escola Pratica d'Infantaria é uma das que mais cuidados merece como se tem provado com os magnificos trabalhos feitos dos alumnos, alguns dos quaes são verdadeiros mestres d'armas ao fim da pratica na Escola. Salientamos regida, a um atrado exercicio, a sala de esgrima é das mais necessarias aos officios d'infantaria e d'ahi o excepcional trabalho que ella

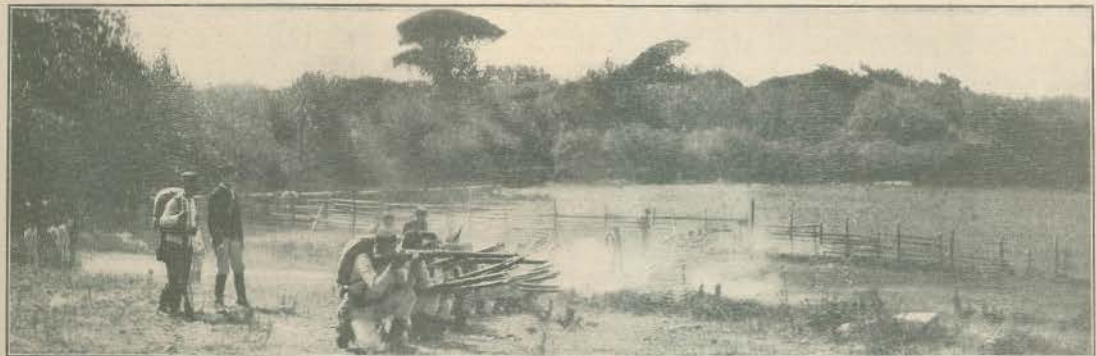
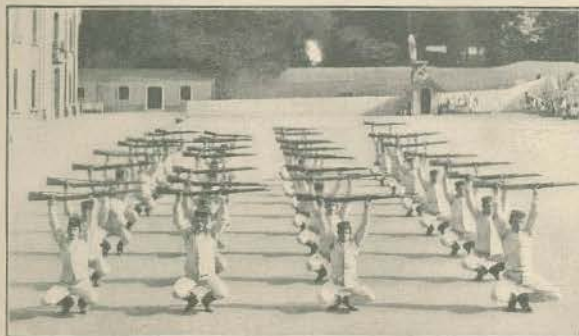
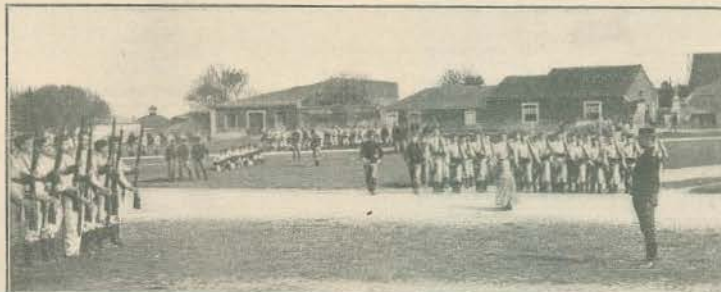
tem, sendo bem digna do registo entre as aulas da Escola Pratica d'Infantaria da qual sahem os officios que vão honrar o nome portuguez n'esses regimentos do braço, cheios de tradições e de patriotismo.



OS EXERCÍCIOS NA ESCOLA PRÁTICA D'INFANTARIA EM MAFRA  
UM GRUPO D'OFFICIAES GENERAES—A CHEGADA DE S. M. EL-REI—O SR. MINISTRO DA GUERRA À CHEGADA—UM GRUPO D'OFFICIAES

Tiveram lugar os exercicios, que foram na realidade surprehendedes. Durante os dias 22, 23 e 24, a villa teve uma vida bem animada. Desde o dia 20 que ali se encontrava grande numero de officiaes e o sr. general Leuzaire e Monseu, director geral da arma d'infantaria. O sr. ministro da guerra chegou em 22 a S. M. El-Rei e S. A. R. e senhor D. Luiz Philippe vieram pela tarde do mesmo dia. Além d'exercicios de companhias que simularam um encontro, houve tambem sessões de gymnastica e d'egrima, além de diversos trabalhos relativos á arma que se pratica na

escola. Quando os exercicios terminaram, a officialidade offerceu um jantar a S. M. El-Rei, ao qual assistiram, além de S. A. R. e dos krs. ministros da guerra e general Leuzaire e Monseu, todos os officiaes da Escola Prática. S. M. El-Rei teve palavras de elogio para os alumnos da Escola e para os seus instructores, mostrando bem a satisfação sentida deante das brilhantes provas prestadas por esses militares que serão no futuro, distintos officiaes do nosso exercito.



OS EXERCÍCIOS NA ESCOLA PRÁTICA D'INFANTARIA EM MAFRA

EM TRINCHERAS—A CONSTRUÇÃO—DAS TRINCHERAS—SOLDADOS DE INFANTARIA COM ARMAMENTO E EQUIPAMENTO DA ORDEM—O EXERCÍCIO—A POSIÇÃO REGULAMENTAR PARA O TIPO—HYMNASTICA FLEXÃO DAS EXTREMIDADES INTERIORES—ASPIRANTES NA INSTRUÇÃO PRELIMINAR DO TIPO—TIPOOS COLLECTIVOS A 1500 METROS

S. M. El Rei, com o principe D. Luis Philippe e com o sr. ministro da guerra, assistia aos exercicios. Os mais importantes foram os do dia 24, que principiaram ás 8 horas da manhã e terminaram ás 10. A's duas horas da tarde, na grande sala d'egreja, tiveram lugar as provas finais d'egrima de sabre e florete e sabre bayoneta, tendo-se então a distribuição dos premios, os quaes foram entregues por elrei, que se recebeu das mãos do sr. general Lancaster e Meneses. A's 7 horas teve lugar o jantar, ficando á direita de S. M. os srs. general Meneses, coronel Alexandre de Vasconcellos e Avellar Tolles e a nosso amigo e collega tenente coronel Abel Botelho.

Os premios distribuidos foram os seguintes: concurso de tiro, um binoculo offerecido por elrei, a direcção geral d'infantaria offereceu um relógio, o grupo Patria uma pistola Browning, e os atiradores civis uma folha de corlar papel, cabendo respectivamente os dois primeiros premios ao aspirante Duarte Junior e ao outro aos aspirantes Matta e Mello Vieira. D'este modo se encerraram os trabalhos do anno na Escola Pratica d'Infantaria, que deixou ran osequencia toda a illustre assistencia, que, como S. M. El-Rei, levou bastante e desenvolvimento dos alumnos.

## UM CONVENTO PORTUGUEZ EM ITALIA

(Acerca do livro do sr. Visconde de S. João da Pesqueira)



O BRAZÃO D'ARMAS DO BISPO

Palazzola fica fronteiro a um lago no velho terreno d'Alba Longa que já existia antes da Roma gloriosa e secular por graça d'Asciano, filho d'Enens, seu fundador e seu habitante.

E no topo do cerro, route á estrada de Marino, todo branco, com serras fechadas de arvores aos pés, perto das aguas azues e sem uma ruga, o velluso convento ergue-se como um casada nota de nome portuguez n'essa terra onde os consules fizeram tumulos e passaram férias encantadoras, coroados de rosas e guardando nas dobras das togas as suas virtudes civicas e os seus musculos rijos d'ahelotas affectos aos jogos e á guerra, ao passeio triumphal das aguias pelo mundo e á maçagem sapiente deos e oravos.

N'uma recente viagem d'estudo e de arte á Italia, o sr. visconde de S. João da Pesqueira visitou Palazzola e foi desenterrar do velho pó dos archivos os documentos referentes ao vestro convento e colher impres-

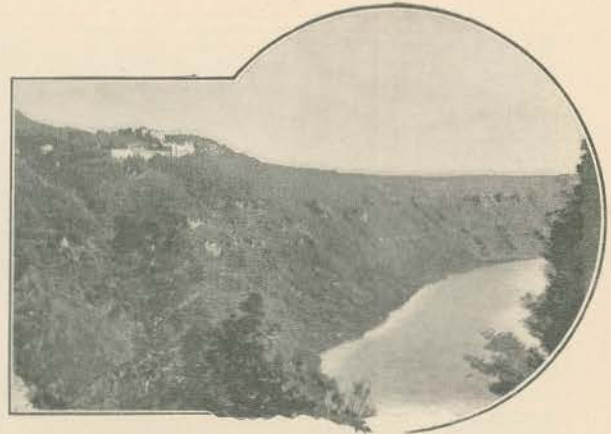
dos sinos das suas altaneiras cathedraes, e a côrte com os seus amores do peccado e a si mesmo com a prodigalidade que o obrigava a dizer: «Muito gastei. Mas tem então fim o ouro de Santa Cruz?»

Foi por este tempo todo de devoção e galanteio, de sapatos de tacão alto e vermelho e d'opas negras, quando se canonisavam santos todos os dias e se acendiam frequentemente as fogoeiras, purificadoras de herejes, que um frade, ministro em Roma do perdulario e galante rei, voltou os seus olhos para esse convento erguido no lugar onde Jupiter tivera o seu altar e os consules os seus regatos, a frescura dos jardins, a maravilha da Palazzola e o sacro descanço do tumulo como esse que ainda lá se vê esculpido d'aguas, coberto de farrasas e de legenda.

Chamava-se fr. José Maria da Fonseca e Evora e foi mais tarde bispo de Porto e santo varão que á diplomacia alliaa a reza e que á pompa de plenipotenciario d'um Cresus corado justava a humildade christã d'um Franciscano.

O templo era dedicado á Virgem, á Senhora das Neves, gracil santinha, toda de fé e toda d'amor, e elle, deslumbrado pelo culto e pelo esplendor da imagem mi-

VISTA GERAL DE PALAZZOLA



prou orgãos para a magnificencia do rito e mandou fazer jardins para, no recolhimento necessario, os monges, pelas tardes de paz sob o azul do cen, se dedicarem á piedade e relembrem Christe e os apóstolos n'aquele ermo onde Jupiter Lacio, o barbado Jupiter, tivera o



A CISTERNA

ções entre os seus muros, que tantas gerações viram passar, que tantos homens doutos e tantos consumidos da vida albergaram durante a sua existencia, como heu digno lugar do repouso e doce asylo, como casa de Deus e retiro do justo.

Vivo por ali, esparsa no ar, a legenda de decurções fortes que escovtavam consules andazes e a memoria dos paizes que em litteras duradas passavam para Castel Gondolfo, no tempo em que ainda os chefes da Igreja saluam do famoso Vaticano com o seu sequito de homens d'armas e pagens, guardas nobres e validos, em busca do repouso e do ar puro n'essas paragens da veneranda Lacio toda azul e toda tradicional. Em Palazzola ergueu-se outrora um bom remotas eras — quando ainda reinava o paganismo de força e de poesia — o templo veneravel de Jupiter Lacial que as multidoes credulas e escravas iam adorar celebrando as ferias latinas.

Assim, vendo passar os Romanos no apogeu, d'aguas gloriosas e sigmas erigidas, os carros e os senhores, os philosophos guedelhudos e as escravas de seios turgidos como bicos de lanças, depois d'assistir nos cataclysmos ainda assim epicos d'esse povo, vivendo com o esplendor da igreja a que foi presente com a velha floresta e com o sereno lago, viu ainda a historia n' desenvolver paginas e o tempo a gerar derrocadas; e assim chegou ao seculo XVII quando João V, o d'Odivellas, reinava a espanar o mundo com o ouro do Brazil jogado ás mãos ambas e a admirar a sua capital com o badalejar ruidoso e sonante

lagrosa, pensou em reconstruir a igreja e o convento; com o auxilio do pontifice e entrando pelo seu proprio peccito, o frei, portuguez de boa tempera e cuja alma se voltava sempre para a sua patria e para a religião, não se poupo, atirou a bolsa e a energia e reconstruiu aquellas veneravos paredes, engrandou a igreja, com-

seu altar, no qual lhe sacrificaram gordas rezes. Redificada a igreja que tem tres altares de pedra e o côro cheio de luz que entra pelas janelas altas e rasgadas, arranjado o claustro e os aposentos onde frei José Maria despachava pelo seu rei e orava pelo seu Deus, e onde mandou collocar o seu retrato na veste simples de franciscano, tratou-se do andar medio que os Italianos chamam propria e totemente *mezzano*.

«Elle é abobodado e muito curioso sem valor algum como architectura, luxo ou riqueza d'ornamentos» diz o sr. visconde de S. João da Pesqueira, na sua monographia publicada ha pouco e dedicada a si-rei.

Mas tem lá umas cellas singulares e falsas, uma das quaes figura um caramanchão todo de verdura onde rompem flores e onde pousam passaros, e as outras, antigos retiros de monges, a communicarem com ella, representam grutas abertas em rochedos com o mobiliario ascetico feito em madeira a buscar imitar bocatos de rochas duras, de penitencia e de desgosto das pompas mundanas, e as paredes figuram sempre grutas com as suas pinturas e as suas abobodas, com cavidades e portas de pedras, tendo o pintor o cuidado de pôr ali caveiras e cruzes, de pintar pedacos de pão e picaros de barro, utensilios de trabalho e symbolos d'anachoretismo que decerto impressionavam os bons frades de Palazzola que viviam a coberto do brazão de Portugal, que lá existe na quina d'um muro musgoso e forte.

E era então o salão, o refectorio amplo,



UMA CELLA



OUTRA CELLA



UM TRECHO DO JARDIM

a cozinha com o seu forno, e os jardins encantadores e a biblioteca que o extraordinário frade enriqueceu. Junto do convento, o frei fez construir uma residência para os ministros portugueses quando os pontífices visitassem em villegiatura no Castel Gondolfo. E a *Palazzola*.

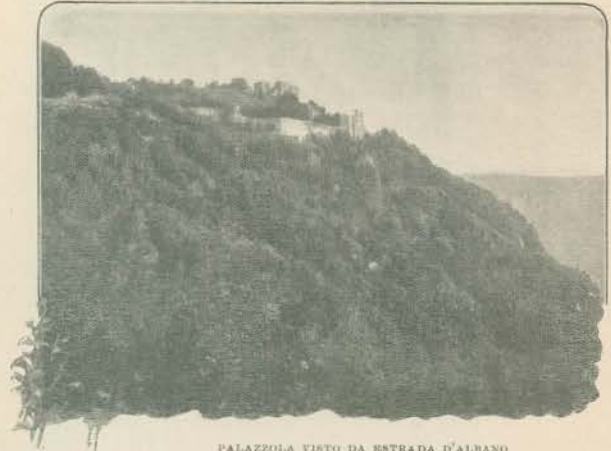
Essa Palazzola é um encanto toda sombreada de jardins e com vastas salas, casarão de luxo rente a um pobre convento, erguido como uma cortezã perto d'uma santa prostrada, muito garrida e fresca a Palazzina, pegada aos jardins também frescos do recolhimento.

Palazzola é hoje uma casa quasi abandonada, velho convento que pertence a Portugal, cheio de tradição e encerrando uma dúzia de Irmãs, recolhendo por vezes os somnambulas das collegiadas portuguesas de Roma que ali vão veranear.

Mas pela sua tradição, pela sua antiga importância, pelo ouro que lá se enterrou, pela perpetuação do nome do frei José Maria d'Evora e sobretudo por ser um trecho de Portugal em terra italiana, Palazzola devia ser conhecida de nós outros portugueses, como um resto da nossa pompa, do nosso poder e também da fé que parece ter desaparecido quando o poder se avaiou e com elle a opulência que fazia D. João V dar a um patriarca um sepulchro igual ao seu e enterrar milhões n'essa Madra, d'architectura chã e secca que só marca o nascimento d'uma sua filha a disparatada idia d'um frade beno e a cupida avidez d'um marquez de Ponta de Lima.

E foi isso, foi essa obra de vulgarisação desenterrando pó os documentos e vendo com olhos de visconde e d'artista a vetusta Palazzola, a obra que o sr. visconde de S. João da Pesqueira levou a cabo com o seu livro de verdadeiro portuguez e de estudioso investigador.

Palazzola lá está com as suas torres altas, com os



PALAZZOLA VISTO DA ESTRADA D'ALBANO

seus jardins sombreados e frescos, com o seu tumulo consular e as suas cellas de phantasia a chamar os portuguezes que visitam essa Italia tão maravilhosa e tão gra-

vil, de tão bello cen e de tão mavioso idioma. E poderão então percorrer d'alto a baixo esse mosteiro, sentar e viver por umas horas essa existencia d'outro, pisando aquellas cellas todas de phantasia, e a relva do jardim e as salas de Palazzola ainda como se ali albergassem um embaixador e como se o papa pudesse ainda sahir do Vaticano e passar com o seu cortejo na estrada a caminho de Castel Gondolfo.

Poderão ir d'un lado a outro d'essas salas da Palazzola, vêrem o refectorio mimuculo e a igreja com os seus altares onde as imagens estão quodas nas suas vestes, e d'uma grande evocação virá a historia do convento, toda a sua legenda de dauses mythologicos e de personagens tão distantes de nós outros que pareçam pertencer ao dominio de lenda.

E assim ao abrigo de tanta vetustez e de tanta grandeza d'outras eras, os portuguezes longe da patria, recordarão n'um trecho d'ella sobre um solo sagrado e sob uns telhados onde pode flaciar a nossa bandeira e aragem suave das tarles, no espaço soberanamente azul d'essa Italia tão querida e tão bella. Chegará sem duvida aos seus corações a gratidão por esse frade franciscano que tanto trabalhou de Portugal e aos seus labios acudirá tambem o nome do homem que veio agora com o seu livro mostrar a nós outros o que ignoravamos ou o que tinhamos esquecido. E o convento lá está a abrir-se para umas horas de repouso do forasteiro no sitio d'Alta Longa e perto do sereno lago, a deliciar com as suas recordações e a fazer saudades da patria com as suas armas na fachada como uma evocação e como uma gloria, batida pelo sol d'outra essa região que doura os cachos e que viu passar as hostes e os sequitos dos conules e os gnerrois e os imperadores, os escravos e os gladiadores e cujo pó secular já de ha muito não é calcado pelas venerandas plantas d'um papa que caminhasse como Pio IX, o ultimo pontifice que ali passou, direito a San Gondolfo, seguido de liteiros, de sacerdotes e de povo, a espalhar bençãos e a ser aureolado na luz bendita vinda do ceu para o logar onde Jupiter teve o seu tumulo e onde os portuguezes chaparam as quinas de Christo Redemptor e Divino na frontaria augusta d'um mosteiro singelo.



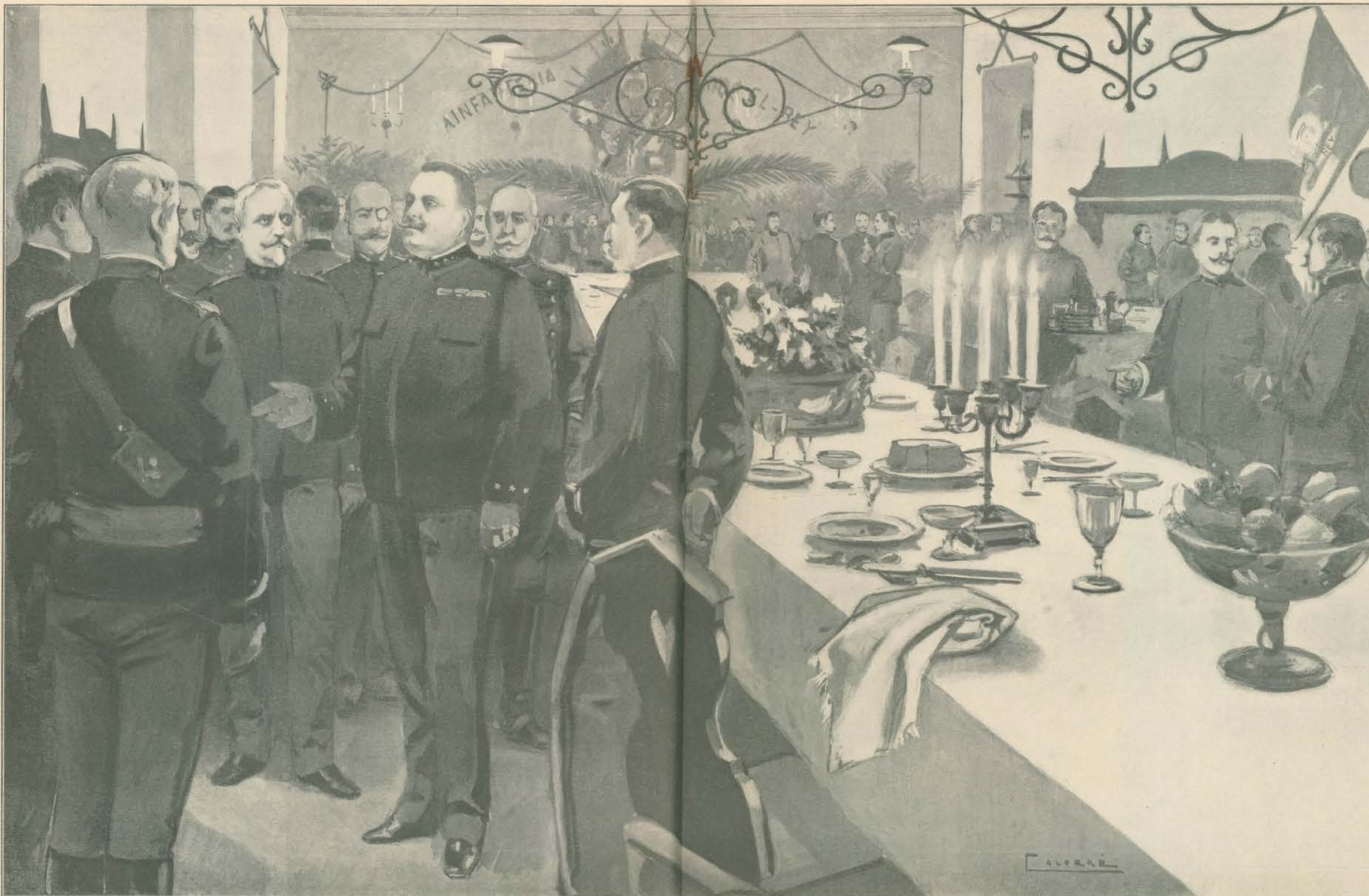
ARCEBISPO D. JOSÉ MARIA D'EVORA



UM TRECHO DO JARDIM DE PALAZZINA



A ESTRADA



OS EXERCÍCIOS FINAIS NA ESCOLA PRÁTICA D'INFANTARIA EM MAFRA — DEPOIS DO JANTAR

Mafra é celebre pelo seu convento, onde D. João V enterrou milhões de quintos d'ouro que vinham do Brasil a alçar as naves. O convento nasceu d'um capricho do soberano, que promettera a Santo Antonio erguer um bello recolhimento se a rainha lhe desse herdeiros. Nasceu a princesa

D. Maria em 4 de dezembro de 1714 e Mafra teve o seu convento. No em 1739 o patriarca de Lisboa sagrou o mosteiro, sendo então servido um jantar á communitade que se compozi de 329 frades. Reptaram 146 alnos e a solemnidade importou em 50 contos de réis.

Ha poucos annos ali se installou a Escola Prática d'Infantaria, onde os sargentos em Urcio e os alumnos da Escola do Escribo fazem os seus exercicios. Todos os annos antes da nomeação dos novos alferes se realisam provas practicas, ás quaes

assiste S. M. El Rei, sendo então distribuidos premios aos alumnos. Este anno os exercicios foram soberbos, tendo-se feito assalios d'esgrima, gymnastica, exercicio de fogo e manobras, ás quaes assistiu tambem o sr. general Lancaster e Monavez, director da arma d'infantaria.

ALORRA

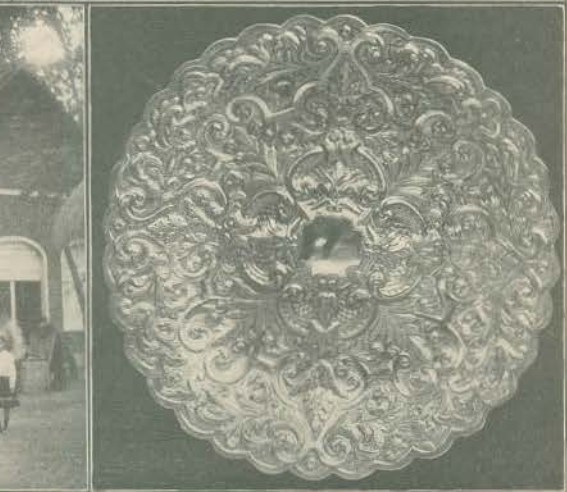
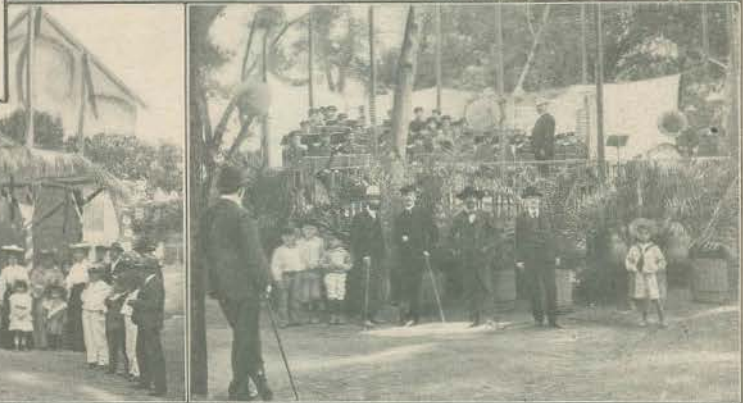




O GENERAL RUSSO KUROPATKINE COM O SEU ESTADO MAIOR

O chefe das operações contra os japoneses é uma criatura singular. Diz elle que para vencer na guerra são precisas tres coisas, e repete-as com a maxima gravidade: Paciencia, paciencia e paciencia! Desde muito novo sempre teve este lema e d'elle se tem servido em todas as acções da vida. Costou-se que sendo simples capitão ao tempo da guerra russo-turca e tendo demonstrado as suas aptidões como thesoureiro da divisão, o general o quiz conservar junto de si, não o deixando partir a bater-se, como de resto era o seu desejo. Então Karopatkine procurou o seu chefe, mandou-lhe o seu cartão, expos-lhe o seu pedido e o general foi indifferente a todos os seus rogos.

Elle não desanimou, procurou-o de novo, ficou á sua espera á porta até que a ordenança lhe veio dizer que se tornasse em ficar ali, o general não sahira durante os dias da sua vigilância. O thesoureiro disse Karopatkine. Então o chefe falou-lhe e declarou: «Partirá! Thesoureritos arranjarão-lhe bons como o capitão, mas officiaes com essa brilhante qualidade de paciencia e que indica o maior sangue frio, só o conheço ao seu lado». Elle partiu, cobriu-se de gloria e d'aqui por diante com a sua reputação, foz-se um dos nomes mais respeitadoss do exercito e ministro da guerra, logo que abandonou para ir commandar as forças russas no Extremo Oriente.



AS FESTAS EM CASCAES — A «KERMESSE»

SALVA DE PRATA OFFERECIDA POR S. M. EL-REI—ESCOVAR EM PRATA OFFERECIDAS PELA SR.<sup>a</sup> DUQUEZA DE PALMELLA—UM GRUPO DE CRIANÇAS NO JOGO DA PERCA—O BAZAR—O CORETO—O BUFFETE—SALVA DE PRATA OFFERECIDA POR S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA

Cascaes, a vilustinha que o mar assim balja, tão prodigiosa da nossa primeira sociedade, começa a animar-se após o longo torpor do inverno, já n'aquella magnifico passadio de Visconde da Luz se fazem as festas que precedem quasi sempre a inauguração da epocha balnear e já algumas familias de Lisboa se vão installando nas vivendas. Realizou-se na formosa villa uma bella *Kermesse* se para a qual S.S. M.M. offereceram prendas, assim como a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> duquesa de Palmella. No coreto tocou a banda dos hombricos e pela tarde chegou a Tuna Commercial, que executou um magifico programma. A' noite, no recolhimento do arvoredo onde os balões marcavam notas victoriosas, o povo dançava e uma alegria enorme se communicava aos assistentes por essas horas todas da alegria em que o mar, banhado na serenidade da luz, era como um espelho de prata lique-

feita. A commissão foi locauavel para dar todo o lazimento a estas festas, senhora da melhor sociedade de Cascaes vendiam rifas na barreira da *Kermesse* e no buffete, commodamente installado, fez-se um restaurant vergico. Quando pela meia noite a festa acabou, vieram no ultimo noctubolo os socios do Atheneu que tinham acompanhado a Tuna Commercial, e ao começo da noite partirá d'alli o circo civil d'Alfama, que desocupará nas montanhas da villa, á volta de Ultra. E era d'un lindissimo offeito aquella fila de estros illuminados e cobertos de flores, que levavam frezenta pessoa, a caminho da estrada dos Esteros, deixando um rasto luminoso e bello, de canções e alegrias.



O «RALLY-PAPER» NAS PROPRIEDADES DO SR. CONDE D'ALMEIDA ARAUJO EM QUELUZ  
UM CAVALLEIRO—NA CARRUAGEN—UM RANCHO—OS SALTOS—UM VENDEADOR DE BOLAS—UMA QUEDA

Correu bem animada a festa, que foi toda d'um sabor fidalgo e bem cheia d'interezes.

Os cavalleiros garbosos, o publico, a quem o sr. conde d'Almeida Araujo franqueou a sua propriedade, deitaram enthusiasmo. No Rally-paper foram disputados quatro premios, sendo um allineto de gravata com uma opala cravejada de rubis, offerecido pelo sr. commandador Almeida Araujo, um bronze representando a *Victoria*, offerecido pelos socios do Club de Queluz, uma phosphoreta de prata com pe-

dras preciosas, pelos officios da bateria de Queluz, e um cizetro e charuteira em bronze offerta a um grupo de senhoras.

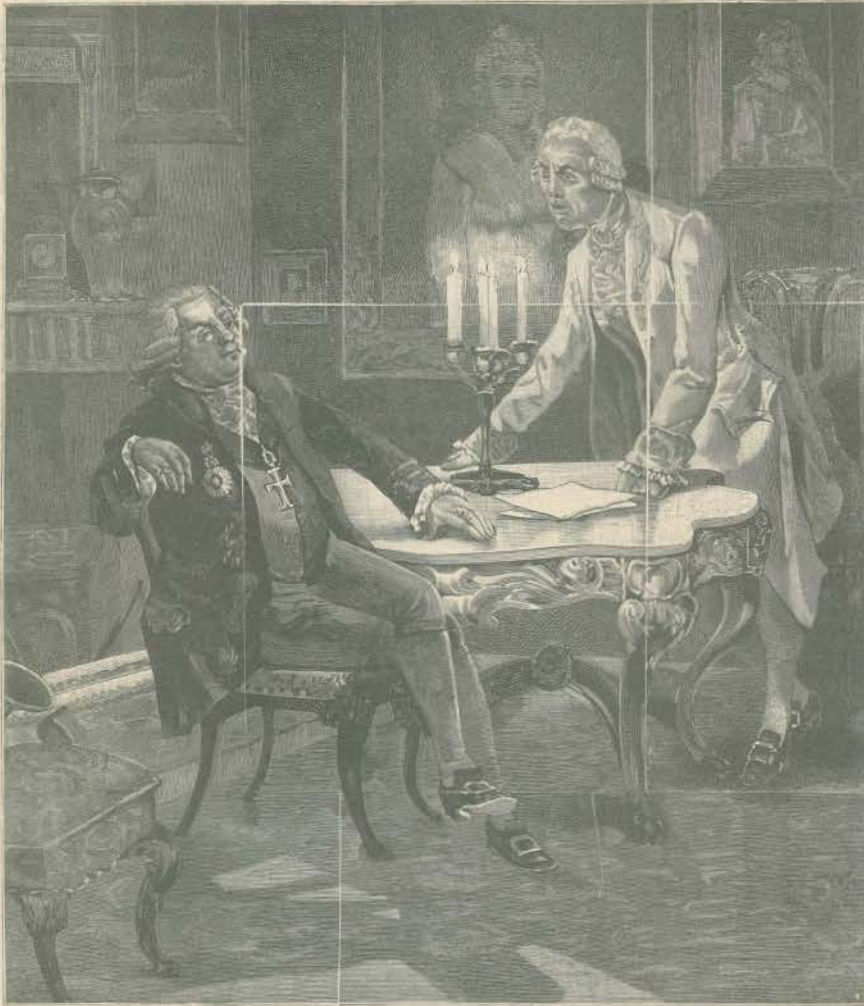
As senhoras no recinto reservado, sob um toldo claro, applaudiram os cavalleiros, o sol faiscava e elles appareceram com donaire sobre as selhas, prontos para a corrida. Eram os srs.: tenentes Silva Reis, Oliveira Reis e Mendonça, e os srs. visconde de Moraes, Mousinho d'Albuquerque, Rodrigo de Castro Pereira, Antonio Lobo, José Garção, Victor Meneses, Affonso Botelho e os alferes Silverio

Hanes, Nazareth e Castro. O premio dos socios do Club foi ganho pelo sr. Affonso Botelho. Realisou-se tambem um *cross-country*, ganhando os premios dos sr. commandador Almeida Araujo e sr. Victor Nunes e o da bateria o sr. Mousinho d'Albuquerque. Havia tamem corridas de saltos e a noite foram distribuidos os premios nas salas do Club, por uma commissão de damas, á qual presidia a gentilissima sr.ª condessa d'Almeida Araujo.



OS OFFICIAES SUPERIORES QUE TOMAM PARTE NAS MANOBRAS DO BUSSACO

CORONEL D'ARTILHARIA JOAQUIM AUGUSTO DA SILVA ROSARIO — CORONEL D'INFANTARIA EULHERIO DE FREITAS, COMANDANTE DA 12.ª BRIGADA — CORONEL D'INFANTARIA JOSE BRASCO DE MELLO FERREIRA DE VASCONCELLOS, ARSENAL DO EXERCITO — CORONEL D'INFANTARIA JOAQUIM JOSE DA SILVA MARTINS, COMANDANTE DA 2.ª BRIGADA — GENERAL DE DIVISAO FREDERICO AUGUSTO D'ALMEIDA FERREIRO, CHEFE DAS FORÇAS ARMADAS SAEBAS — CORONEL DE CAVALARIA JOSE DOMINGOS MOURA D'ALBUQUERQUE — CORONEL D'INFANTARIA MANUEL DOS REIS MACHADO, COMANDANTE DO DESTACAMENTO — CORONEL D'INFANTARIA MATHEUS LUIS THOMAS DE LACURVA, ARSENAL — TENENTE CORONEL DA ADMINISTRACAO MILITAR FRANCISCO CORREA DA SILVA, CHEFE DOS SERVICOS D'ADMINISTRACAO.



AS CARTAS SÃO AUTÉNTICAS

## O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

I

## O CONDE DE STEPHANIS

O Intendente, precedido pelo escudeiro, atravessou de vagar a sala de espera, deixou n'um dos bancos de pão santo lavrado a capa e o tricorno e entrou a seguir na sala do relógio.

Como a tarde fosse cahindo e os amplos cortinados do damasco carmesim interceptassem a pouca luz que davam as duas janellas de saçada, voltadas para a rua da Rosa, a penumbra da sala mal deixava perceber os adornos já dispostos para a festa d'aquella noite.

As vinte e quatro velas de cera do grande lustro de Veneza, que pendia do tecto, suspenso por uma corda vermelha, tinham os pavios intactos. Nas quatro talhas da India, que adornavam os cantos, resplandiam enormes ramalhetes de rosas, colhidas, pela manhã, nos jardins da Alagoa. Havia tambem vasos de Sévres com flores na commoda de embutidos, sobre a qual o relógio de musica acabava de tocar o minuto das seis horas. O perfume das rosas embalsamava a sala, em cuja penumbra as figuras mythologicas dos pannos de Arrás pareciam animar-se, com uma Penelope de tunica vermelha, que abraçava um Ulysses resplandecente de armas, ou um Achilles do capacete, que pelejava com um Hector musculoso e magnifico.

Pina Manique aspirou, descontente, o perfume das rosas, vagueou um momento pela sala, conferiu as horas do seu relógio de esmalte com as do relógio de musica, foi espreitar a janella, saadiu com impaciencia as rendas dos punhos, compoz n'um gesto nervoso a chapa da commenda e decidiu-se a tocar a campainha para chamar o criado, quando a porta se abriu, deixando vêr uma grande sala de paredes forradas de setim chinês cor de goivo amarello, illuminada pelas vinte e quatro luzes das placas de quatro tremós dourados e pelos vinte lusteres de dons lustros de pigmentos.

Anselmo José da Cruz Sobral, com redingote de laca verde bordada a prata, e cabello empado com sacco de seda preta e cadogan, calção e meia branca, saadiu da porta e Intendente, caminhou com desembaraco ao encontro d'elle, apertou-lhe affastivamente a mão com as mãos ambas.

—E' o primeiro a chegar, Intendente. Vou já apresentar ao senhor conde de Stephanis, que grande pesar teve em não o vêr hontem em Queluz.

Pina Manique franziu a testa. Um leve rubor espalhou-se-lhe na face até aos bucos empoados da cabeleira. E deixando cair a mão gorda, onde scintillava um grande anel de diamantes, no hombro de Anselmo Sobral, disse baixo:

—E' justamente por causa d'esse hospede perigoso, conselheiro, que mandei engitar a sege e vim ao Callializ.

Anselmo Sobral abriu muito os olhos, sem compre-

hender. Afogou-o, cruzando as mãos atrás das costas, perguntou:

—E' então o Intendente da policia que d'esta vez me procura?

Descançando a mão gorda de frade na guarda de madreperla do espadim, Pina Manique respondeu com gravidade:

—Por agora, é ainda o amigo. Mas o assumpto em que desejava entretel-o, conselheiro, requer a mais cautelosa discreção.

Anselmo Sobral inclinou-se, disse com um acatamento de mão humil:

—Se vossa senhoria quer passar ao meu gabinete, poderemos falar sem receio de sermos escutados.

Pina Manique seguiu-o em silencio, atravessou, atrás de Sobral, uma nova sala forrada de pannos de Arrás, em cujas paredes se desenrolavam os episodios do rapto das Sabinas.

Alli os canapés e as cadeiras eram forradas de tapeçarias francezas, cortinados de setim amarello, bordado a matiz, occultavam as janellas de vidros meutos e cruasetas douradas. Dos estagões italianos do tecto pendiam dons lustres por acender.

Pina Manique reparou, á passagem, na partitura de Schubert aberta na estante de um cravo de charro e descobriu sobre uma das cadeiras um espadim e um tricorno de feltro negro com galão de ouro, de que só se despararam os seus olhos inquietos e perscrutadores quando Anselmo Sobral abriu nova porta e o precedeu n'um corredor pouco illuminado, que acompanhava as doze salas do andar nobre.

Então, ao ouvido dos dous, chegou uma voz cariciosa de mulher, que dizia no mais puro italiano:

—Mile grazie, eccellenza...

Anselmo Sobral começou a caminhar mais depressa. O Intendente, que se voltara, poude ainda vêr, pela negra de uma porta entreaberta, dons olhos fulgurantes que o espiavam, se fixaram ardentemente n'elle, enquanto da sala transpiravam os accordes meutos distinctos da voz suave.

Tresistivamente, Pina Manique baixou as palpebras ante aquelle olhar que o penetrava até ao cerebro e parecia desalfalo com um magnetico poder de adivinhação.

Impaciente de ouvir as communicacões amocedoras do Intendente, Anselmo Sobral desistira de ir até ao gabinete e correu o resto da sala magnifica, apenas illuminada por um lustro de pé collocado sobre a marmora de um tremós e de cujas paredes forradas de seda violeta pendiam quarenta e dons quadros preciosos.

Anselmo Sobral abriu a porta atrás de si, inclinou uma cadeira ao Intendente, e sem delongas, com uma impertinencia em toda a sua pequenina pessoa, abriu o perigoso duello.

—Vossa senhoria, pelo que parece, vinha avisar-me de grandes responsabilidades, recebendo em minha casa o conde de Stephanis.

Pina Manique, que parecia absorvida na contemplação do retrato de Gorret Baucamp, pintado por Therquoche, cruzou a perna, mirou o sapato de fiavello.

—Sobretudo, conselheiro, apresentando o á nobreza e introduzindo-o no paço.

—Lastimo que isso lhe desagrade, Intendente. Mas foi Sua Alteza o principe D. José quem lhe sollicitou a visita a Queluz.

—Na ansancia da Balnha!

—O introduzidor foi o senhor duque de Lafões... E, na verdade, não vejo em que possa inutilizar-se por tal forma, Intendente, a visita de um sábio ao laboratorio de Sua Alteza... O conde de Stephanis...

—Ou antes o conde de Cagliostro!— interrompen Manique com vivacidade. A menos que o conselheiro não prefira chamar-lhe marquez de Pellegrini ou conde de Phoenix... E continuaria a chamar-lhe José Balesmo, nome com que tive a honra de o conhecer em 71. Faz por este mesmo tempo doze annos. Somos velhos conhecidos. Então lhe parou o senhor desembargador Manuel Gonçalves do Miranda, pelas cofres da policia, a passagem para Londres. Esporo que, d'esta vez, vossa senhoria nos visitará sem despezo, embarcando para a Italia, sendo prudente não o desoliver á Inglaterra, de onde o expulsem a policia.

—Senhor Intendente, posso mostrar-lhe as cartas de apresentação, que o conde de Stephanis trouxe de Inglaterra, assignadas por pessoas de alta gerarchia.

—Esse homem é um falsario!

Anselmo Sobral mordido e laho, irritado.

—As cartas são autenticas!

Pina Manique deixou de fitar o sapato de fiavello, disse imperturbavelmente:

—Então tem o conselheiro amigos nas lojas maçonicas de Inglaterra?

—O conde traz cartas do duque de Chartres, apresentando-o ao duque de Lafões!

—O senhor duque de Chartres é o grão-mestre do

Oriente de França... Succederam ao senhor conde de Clermont no grão-mestrado da franco-maçoneria...

Anselmo Sobral, que passava agitado pela sala, voltou-se:

— Que perigo pode offerecer a maçonaria ás monarchias, quando os principaes a dirigem?

— Sua Santidade Clemente XII excommungou por uma bula os franco-mações.

— E' então uma setta religiosa?

— E' peor. E' uma setta politica.

— E que pretende essa setta politica?

— Tirar o poder aos poderosos e distribuí-lo ao povo.

— E mesmo que assim fosse, acredita vossa senhoria que o conde de Stephanis tenha vindo a Portugal fazer politica?

— Não, não acredito. Mas pode concorrer para a propagação das lojas maçônicas. En souzinhão a luctar contra a invasão do pensamento revolucionario. Não me conveno o estabelecimento de sociedades secretas, que viriam ainda difficilizar a minha tarefa. Conselheiro, não somos velhos amigos... Não o procurei para discutir com axedro. Vim visitá-lo para lhe rezar o seu anjinho. Já durmo apenas quatro horas em cada noite. Não me obrigue a redimir ainda mais o tempo do descaço. Muitos soffriam com isso! Sabe alguém o que é a minha vida? Nem a rainha, nem os ministros, nem vossa senhoria o sabem! Os meus serviços atingem os reconhece nem agradece! A minha vigilância tem que exercer-se em todo o paiz e em todo o imperio, nas ilhas, no Brazil, nas colónias e no estrangeiro! E' indispensavel estar em toda a parte ao mesmo tempo: navios que desembarcam, nas seges de jornada que passam as fronteiras, nas alfandegas do mar, na bagagem dos diplomatas, no paço, na Academia, nos cafés...

— Parece que Sua Alteza, o príncipe D. José, não approva os excessos de uma vigilância, que lhe embaraça as alfandegas os livros que Sua Alteza encontra em França e na Hollanda... — disse Anselmo Sobral, estendendo a mão do seu agitado paeser através a sala verde.

— Vossa senhoria já o sabe? — perguntou Pina Manique, brincando com a cruz do rubi do seu habito de Christo.

— Já sabia, Intendente. Fallava-se d'isso hontem, em Queluz... — responderam Sobral com impertinencia.

Pina Manique cruzou a perna, disse com affectada negligencia:

— As obras de Rousseau e d'Altembért... Se essas leituras agradam a Sua Alteza, pode adquiril-as quando reinar...

— O Intendente procura inculcar a Sua Alteza a grande virtude dos reis: a paciencia!

— Conselheiro, em sou, acima de tudo, um homem de respeito, de religião e de ordem! Não procuro encanar-me. Reconheço um servidor obscuro da Bahia, em quem a nobreza vê ainda um amigo do marquez de Pombal e em quem o povo apenas quer vêr um oppressor. Se os meus poderes são abusivos, se exerce o meu cargo com demasiado rigor, que Sua Magestade haja por bem demittir-me. Se é a revolução que desejam, eu retiro-me. Mas enquanto me fór confiada a segurança da monarchia e a paz do reino, o meu dever é eliminar os homens e os livros perigosos. E não seroi mais zeloso no assumpto, que aqui me traz, do que as justicias liberas de Inglaterra e de França, que expulsaram dos territorios o falsario e o charlatão apresentando por vossa senhoria á nobreza de Portugal, como um sábio que possuia o segredo de especificos maravilhosos, que convertia o mercurio em ouro, avoca as sombras dos mortos a cura as enfermidades... Querá compor-lhe o descaço de vêr perseguido pela policia um homem que vossa senhoria publicamente profere. Esperava que o senhor visconde de Villa Nova da Gervais, em resposta ao meu officio de auto-hontem, em que lhe annunciava a chegada do aventureiro, me determinasse que do prompto o fizesse sahir da corte e do reino. En teria poupadado a vossa senhoria o recebê-lo hoje, embarcandoo esta tarde na não de Genova. Mas as determinações não apenas para que o traga bem vigiado, o que era inutil recomendar-me, e para que se proceda contra elle se praticar algum acto criminoso. Vejo-me assim encaido a ter de entregal-o como heretico á inquisição, se usar de mancos maçonicos, ou mettê-lo no tronco se abusar da boa fé de algum quizoso...

— Disse o Intendente que o conde de Stephanis esteve em Portugal ha dezesseis annos?

— Aquel embarcou para Londres em julho de 1771.

— Era então ministro o marquez de Pombal o foi menos rigoroso do que vossa senhoria!

— Os tempos mudaram e o homem mudou. Então apresentava-se como simples alchimista e chamava-se José Balsamo. Hoje apresenta-se como conde de Stephanis, tendo passado em Paris por conde de Cagliostro.

— E o marquez consentiu-o?

— Fez mais, Protegeu-o.

— Permitta vossa senhoria que, á semelhança do Pombal, eu p proteja...

— A protecção do marquez era mais perigosa do que a minha norseguição, conselheiro. O marquez promediava fazel-o anotar vivo!

Anselmo Sobral venceu um passo, assombrado.

Pina Manique voltara a brincar negligentemente com a cruz do habito de Christo, que pendia de uma fita vermelha sobre o seu collo de seda preta.

— Tinha o marquez mandado investigar pela policia de Roma e da Madrid a procedencia d'esse homem. Então averigüamos o seu nascimento em Palermo, o seu

casamento em Roma, a sua passagem pela ilha de Malta, onde o protegen o grão-mestre Pinto da Fonseca, os seus latrocinios em Nápoles e Bergamo, as suas aventuras escandalosas em Hespanha... Foi incumbido d'essas investigações e cheguei a propôr ao ministro a extradicação...

— E o marquez?

— Recusou, Suppunha o demastado perigoso e só consentiu em despedi-lo quando se convenceu de que era demasiado indoffensivo.

— A esse tempo não era franco-mação?

— Ainda não era.

— E quem lhe diz, Intendente, que elle o é hoje?

— Tenho agentes nas lojas maçônicas de França! Anselmo Sobral sacudia demoradamente a cabeça empoada.

— Exactamente como o senhor arcebispo de Thessalonica, que tem agentes na Intendencia da Policia.

Pina Manique empallideceu.

— Não está provado!

— Essas cousas nunca se provam, Intendente.

Pina Manique levantou-se com magestade, sorriu finalmente, retorquiu com uma fliancia arrogante:

— Mas a Intendencia tem agentes nas ante-camara da Rainha e do arcebispo confessor...

— O que tambem nunca se prova!... O Intendente



ACERTOU O RELOGIO

faz espíar toda a gente. Portugal divide-se hoje em duas classes: os espiados e os espiões... Ainda hontem o marquez do Lavradio, que tinha perdido a sua caixa de rapé, me dizia: — «Não importa! O Pina Manique dá-me amanhã conta d'ella...»

— Fiz melhor, conselheiro! Mandei-l'ha hontem mesmo á noite! E agora, do bo inuença que me retire... Espero que não me levará a mal se eu por minha vez hospedar o conde de Stephanis no carcere da Junqueira.

E o Intendente curvava-se n'uma venia profunda, quando uma voz de pronuncia italiana disse da porta:

— Considero-me desde agora prisioneiro, senhor Intendente!

Pina Manique e Anselmo Sobral voltaram-se.

Um homem musculoso, baixo e de hombros largos, vestido de preto, com presilhas e fivelas de diamantes no calção e no sapato, as mãos, resplandecentes de foias, cruzadas no peito, sobre os bofes de rendas, o cabelo empoadado e encançado nas fontes, estava de pé, encostado ao reposteiro.

O mesmo olhar chammejante e o detivera um momento no corredor immobilizava o Intendente, que levava a mão nervosa ao espadim.

— As suas portas abrem-se com facilidade, conselheiro! — disse Pina Manique com o labio tremulo.

— Todas as portas se abrem com facilidade diante do accanado que quer defenestras, senhor Intendente!

— disse Cagliostro, cujo olhar fulgurante não abandonava o olhar do Pina Manique.

— Desde quando falla o senhor José Balsamo com semelhante arrogancia? — exclamou Pina Manique, erguendo a voz irritada.

— Desde que tenho razão, senhor Intendente! Mas peço licença para observar a vossa excellencia que esse José Balsamo morron, ha mais de doze annos...

— E pode-se saber quem o matou?

— Ninguém melhor poderia responder a vossa excellencia. Foi eu!

— Esperemos que não se lembre tambem de matar o conde de Stephanis, como já matou o conde de Cagliostro! — disse Pina Manique, meneando a cabeça com uma graça affectada.

— Vossa excellencia pode fazer-me espíar.

— Ah! está uma cousa que o descaio a fazer melhor do que en!

— Não contesto esse talento a vossa excellencia. Seria mais facil contestar-lhe a prudencia...

— Ah! Ah! — exclamou com surpresa Pina Manique. — O senhor José Balsamo é de opinião que sou pouco prudente? E em que lhe mereci tão severo juizo? Em tello deixado desembarcar da não de Londres? Em não o ter mandado prender no Café Neutral? Em não ter impedido a sua ida a Queluz?

— Perdo, senhor Intendente... Em escrever cartas que se perdem...

Anselmo Sobral, que até ali fóra espectador silencioso do dialogo, intervinha n'esta altura, ao ouvir o vozinho de um esculheiro annunciando no paço a sege de sua excellencia reverendissima o senhor arcebispo de Thessalonica.

— Intendente, muito me aprazia não o interromper. Mas tenho que fazer as honras de minha casa. Consinta que acompanhe o senhor Conde de Stephanis e solicite de novo a honra da presenca de vossa senhoria ao nosso modesto serio... O Intendente enganou-se e nega-se a reconhecel-o por teimosa.

Cagliostro fitou demoradamente Pina Manique. O Intendente sorria, encostado ao assalador de uma cadeira. Cruzando atraz das costas as mãos resplandecentes de améis. Cagliostro disse com uma voz de calma descaço:

— Se vossa excellencia o permittir, seria da conveniencia de todos deixar esclarecida a duvida do senhor Intendente... Pouco devemos demorar a entender-nos.

A indecisão de Anselmo Sobral, Pina Manique responderam, desabrido:

— Nada receio, conselheiro. O senhor José Balsamo tem razão. Pessoas da nossa categoria entendem-se depressa!

Sobral esteve ainda um instante, silencioso e quieto, albandando os dous.

— Mas o vozinho do laçao, no pateo, voltou a annunci-ar:

— Sua excellencia o senhor tenente-general daque de Lañões!

Então Sobral compoz depressa os bueros da cabeleira no espelho do frontão, fez uma mesura graciosa a Cagliostro e sahir, empartigado e siando, puxando os pullos do renda.

Atraz d'ello a reposteiro de seda car de bicha de corne ondino e o passo mudo dos seus tafoes vermelhos perdeu-se no corredor.

Pina Manique voltou-se de vagar para Cagliostro, examinou-o attentamente des pés á cabeça, doum seu passeio pela sala, mirando com a luneta os quadros hespanhoes e hollandeseos, e retrocedendo á sua cadeira agelito e espadim, cruzou a perna.

— Sou então accusado de escrever cartas que se perdem?

— Accusado, não, senhor Intendente... Advertido...

— E' uma subtilidade!

— E' a verdade...

— E quando escreveremos nós essa carta?

— No dia da morte do rei D. José.

— E a quem escreveremos nós essa carta?

— Á rainha...

— Á rainha viuva?

— Perdi-o á rainha reinante.

— E que dizíamos nós á rainha?

— Aconselhava vossa excellencia a Sua Magestade que demittisse o marquez de Pombal e nomeasse para o substituir alguém que possuia os mais perigosos segredos do Estado...

Pina Manique levantou-se da cadeira, affogado.

— Admitti-lhe a petulancia, senhor José Balsamo. Desde este momento, considere-se preso. A' sahida d'esta casa, será acompanhado na sege por uma escolta de guardias da policia.

Cagliostro curvou-se, com ambas as mãos no peito.

— Uma escolta de guardias? E' muita honra para mim...

— E para o convencor da minha prudencia, acceptarei o convite do senhor Anselmo Sobral.

Immerturhavel, Cagliostro perguntou com uma voz cariosa:

— E a carta...?

Pina Manique caminhou para a porta. Ao levantar o reposteiro de seda, voltou-se de ilharga, com a mão no espadim, e respondeu com um sorriso de ironia, onde brincavam mil ameaças:

— Quando encontrar o senhor marquez de Pombal, pode lêr-l'ha!

(Continua.)



O MONUMENTO A MARQUES LOUREIRO

ANTES DE DESECRIBIR—EPILOGO DA ENTRADA AO MUSEU  
 (Phot. de ar. Paz das Brás positivamente enviada a Illustração Portuguesa)

## CHRONICA ELEGANTE

Lisboa apresenta actualmente estranhos e variados aspectos, proprios da estação em que todos andam *par fóra*, da quadra morta para a vida das cidades. Durante o dia os comboios despojam centenas de pessoas que veem occupar-se dos seus indispensaveis trabalhos



FIGURA 1

quotidianos, e outras tantas, em que abunda o bello sexo, que veem fazer compras, porque é notavel que as vindas a Lisboa, com o encanto da jornada cheia de animação e concorrência, constituem um dos maiores prazeres dos veraneantes das linhas de Cascaes e Cintra. Das 4 para as 5 horas da tarde essa concorrência affrouxa, retomando o vôo para as suas villegiaturas, mas até ao escurecer ainda se vê circular a onda de que aqui continuam presos, acrescentada com o elemento provincial, no que vem passar as férias na capital. Parece que os grandes armazens porfiem em apresentar tudo quanto possa tentar o publico menos habituado aos apuros da verdadeira elegancia, que ficam reservados para os comecios de estação. As noites, estas deliciosas noites de agosto, tépidas e luminosas, são tudo quanto ha de menos alegre para o lisboeta obrigado a ficar aqui e acolhendo-se nos obscuros bancos da Avenida e de outros passeios, como que convergo-

### Monumento a Marquês Loureiro

Foi numa homenagem singela prestada á memoria do horticultor Marquês Loureiro. Toda a sua vida foi dedicada a essa tarefa de arranjar exemplares de flora, buscando desenvolver os typos, tratando-os com amor e com carinho. O monumento é obra de Teixeira Lopes e na sua simplicidade é todo d'impressão, symbolisa bem a existencia d'esse dedicado trabalhador.

Marquês Loureiro foi acima de tudo um apaixonado pela sua arte, foi um d'esses homens que passam a vida a dedicarem-se a um mister e tendo por elle verdadeiras ternuras. A obra delicada e ao mesmo tempo scientifica da horticultura deve-lhe extremos cuidados, e esse trabalhador foi como um poeta a amar a tonalidade e o perfume das flores e como um sabio a vigial-as, a desenvolver-as, juntando umas familias ás outras para uma grande transformação nas especies.

Foi, pois, uma obra de justiça que se fez. Esse monumento na sua singelosa está ali a afirmar a gratidão d'uma cidade por esse individuo modesto que lhe soube prestar serviços.

O presidente da camara do Porto descreveu o monumento e após um discurso do sr. Brito Carqueja, como presidente da commissão promotora do monumento, este foi entregue ao municipio.

Compareceram na reunião os jardineiros, que entregaram a Teixeira Lopes um lindissimo *haugenet*, e assim ficou consagrado um marmoreo e dedicado horticultor a quem tanto se deve.



FIGURA 2

nhado de não poder ir para fóra. E, no entanto, não ser nos bosques privilegiados da encantadora Cintra, não existe nos arredores de Lisboa nenhum logradouro publico comparavel com as sombras da Avenida de S. Pedro d'Alcantara, da Estrella e do Principe Real! Mas hoje em dia quem se presa não passa o verão em Lisboa e se houvesse divertimentos como era outrora o Passeio Publico, de saudosa memoria, esses ficariam desertos, porque quem não está fóra quer fugir que foi.

Insensivelmente fomos afastando do assumpto ao qual voltámos. Em questão de modas, poremquanto impéra a blusa sob todas as suas formas e aspectos, desde a simples *chemisette* de genero masculino, até ao *corsage* de gaze, roudas, bordados e sedas que se vê figurar nas *toilettes* mais elegantes e apuradas. Os tecidos finos etransparentes e a seda, quando não constituem o vestid



VISCONDE DE S. JOÃO DA PRESQUEIRA

(AUTOR DO LIVRO "PALAQUÊS")

domasia, resurgem agora, mas modificadas com os *petillios*, *calices*, *caules* e folhagem de cores apropriadas. Assim executadas, estas guarnições são de encantador aspecto e tem um cunho artistico admiravel. Parece que o outono nos trará modificações importantes na linha geral da *toilette*. Satis rodadas e curtas, corpos sem *lifo* adocante, formando *sacco*, e traje todo igual, dando golpe de morte nas commodas blusas.



FIGURA 3

FIG. 1—*Manteau* para criança, em panno crêmo e em *quimper* grossa de seda crêmo. *Capelle* de *surah* e renda crêmo.

FIG. 2—*Toilette* elegante em *tulle filet* preto com guarnições de seda, galões e pingentes e grinalda de rosas em chiffon em volta do cabeção. *Petitillo* bordado a ouro ou prata.

FIG. 3—Blusa elegante em gaze branca com entremeios e pontos *afonrés* sobre fundo côr de laranja.